



Os livros ilustrados
fazem parte da colecção
pessoal do
historiador
António Ventura

Uma colecção do Inferno

Esta sexta-feira chega às livrarias uma nova colecção da editora Tinta da China. Chama-se Livros Licenciosos e põe nos escapartes uma literatura erótica e clandestina. Ana Dias Ferreira foi falar com o seu coordenador. O retrato é de Gonçalo F. Santos.

São livros pequenos, discretos, próprios para quem quer passar despercebido ou até ler às escondidas. Lá dentro falam de bordéis, clisteres dados pela frente, "pauzinhos" que são como seringas e frades que até no confessionário se entregam aos prazeres da carne. Tudo explícito, às vezes até ilustrado. Por isso, estes livros têm um nome, dado também à colecção que a editora Tinta da China põe esta semana nas livrarias: Livros Licenciosos, que é como quem diz, depravados, devassos, indecorosos.

Com três volumes lançados em simultâneo – *Entre Lençóis*, *O Pauzinho do Matrimónio* e *O Vício em Lisboa* –, é a primeira colecção erótica da Tinta da China, mas o cuidado gráfico é o mesmo da já famosa colecção de livros de viagem e da de livros de humor. A diferença está no tamanho, na maior discrição das cores e no tipo de ilustrações. Se se olhar bem não são corações, são rabos. E se se olhar melhor não são ossos, são pénis. "Os livros têm um conteúdo pornográfico e as capas têm de espelhar isso", diz Vera Tavares, responsável pelo grafismo e as capas da editora. "Mas ao mesmo tempo o conteúdo pornográfico não podia aparecer de uma forma crua, que chocasse. E os desenhos são tão gráficos e estilizados que acabam por não ser explícitos e até é possível, quem sabe, as pessoas andarem com os livros no metro."

Tudo nasceu de uma conversa. António Ventura, historiador e professor catedrático do

departamento de História da Faculdade de Letras, estava a fazer dois livros ilustrados com a Tinta da China, sobre os postais da República, quando comentou que da sua colecção pessoal de livros fazia também parte uma secção de erótica. A editora Bárbara Bulhosa ficou interessada, foi ver a colecção de "largas dezenas de volumes", comprada em alfarrabistas e leilões, e assim nasceram os Livros Licenciosos, coordenados pelo próprio historiador.

Vocacionado para a história do século XIX e XX, António Ventura confessa que sempre se interessou pela história da cultura e que, dentro dessa, achou curioso "haver este filão um pouco escondido que acompanhou a produção literária em Portugal." "Trata-se de uma temática pouco conhecida", diz. "Foi sempre uma literatura marginal, que circulava clandestinamente, apesar de cultivada por grandes escritores ou vultos da cultura portuguesa,

quase sempre sob pseudónimo." Rafael Bordalo Pinheiro, que ilustra *O Pauzinho do Matrimónio*, é um desses nomes, num volume que terá sido impresso, sugestivamente, na Imprimerie V. le Chaste, Rue de la Pudicité, 60, Paris. Mas também se seguirão, nos próximos lançamentos, nomes como Guerra Junqueiro e João de Deus.

Datados desde o início do século XIX, os livros da colecção do historiador correspondem ao *boom* deste tipo de textos. "Sempre circularam manuscritos e cópias, desde os cancioneiros, mas livros impressos, que eu conheça, só no século XIX", diz o historiador. "Porque o problema é que não iam para as bibliotecas e não há um inventário deste tipo de literatura. A Biblioteca Nacional tem, aliás, uma falha neste tipo de livros." O mesmo não se pode dizer da Biblioteca de Paris, que sempre teve uma secção erótica chamada, simplesmente, "os livros do inferno".

para guardar esconder e gozar

Desenhado por Vera Tavares,
que assina todas as (belas) capas
da Tinta da China, este
é o símbolo da colecção

Os três primeiros "livros licenciosos"



Entre Lençóis
Cândido Figueiredo, 9,90€

O primeiro capítulo anda à volta de clisteres, mas não há qualquer vestígio de um livro sobre exames médicos em *Entre Lençóis*. Porque um clister, nesta novela publicada no final do século XIX

por Cândido Figueiredo, é na verdade uma forma encapotada de falar do acto sexual. O órgão masculino é a seringa, e um diálogo entre dois primos que descobrem os prazeres da carne um com o outro resume tudo: "Não é de costas que se recebem clisteres", pergunta a prima? E responde o primo: "Também pode ser, mas a titi descobriu que os melhores são por diante." Escrito com ironia – na casa desta família quem mais sabe de sexo é uma criada chamada Inocência – *Entre Lençóis* é seguido por um texto em verso, anónimo e totalmente explícito, sobre as proezas sexuais de um frade que até no confessionário tem relações,



O Pauzinho do Matrimónio
– Almanaque Perpétuo
Rafael Bordalo Pinheiro
(ilustração), 9,90€

Há signos do Zodíaco, adágios, calendários, canções e adivinhas neste "almanaque perpétuo", como em qualquer almanaque.

A grande diferença está no tema, que anda sempre à volta do mesmo: *O Pauzinho do Matrimónio* do título, também conhecido como pénis e outros sinónimos não publicáveis nas páginas desta revista (mas abundantes nas do livro em questão). A identidade do autor dos textos não se conhece, mas as ilustrações, pelo contrário, são do famoso criador do Zé Povinho, Rafael Bordalo Pinheiro. No seu traço, o "pauzinho" transforma-se em objectos como o "saxopénis" ou em novas espécies de animais descobertas por um tal de Dr. Caralhampanhas. Sempre com um toque satírico e caricatural, muito à propósito.



O Vício em Lisboa
(Antigo e Moderno)
Fernando Schwalbach, 9,90€

Com um tipo de linguagem completamente diferente dos dois livros anteriores da colecção, *O Vício em Lisboa* aproxima-se mais da reportagem jornalística

do que do género pornográfico. Publicado em 1912 por Fernando Schwalbach, autor ligado ao teatro, o livro mergulha na Lisboa marginal da época e faz uma descrição das hospedarias, bordéis e casas "chics" da cidade. O lado curioso é que há um verdadeiro conhecimento da realidade descrita, e o autor tão depressa assume um tom moralista como confessa que, aos 20 anos, participou numa orgia de três dias na Rua das Gáveas. No final, o livro inclui uma curiosidade: o Regulamento Policial das Meretrizes e Casas Toleradas de Lisboa e a caderneta que as prostitutas matriculadas (sim, leu bem) tinham na altura.